



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.343-364.

TEM FESTA NA ILHA: ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS

Fabiano Baraúna Bentes

RESUMO: Este artigo trata-se de uma reflexão estrutural existente no universo do Festival Folclórico de Parintins – um duelo artístico de dois bois de pano -, dentro e fora da arena (Bumbódromo). Informações que estão, muitas vezes, no invisível do torcedor. Trago aqui um trecho da minha dissertação defendida no ano de 2018 na Universidade Federal de Uberlândia do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas com o título: A Teatralidade no Festival Folclórico de Parintins. Todos os dados aqui escritos são referentes ao ano de 2017.

PALAVRAS – CHAVE: Boi-Bumbá de Parintins, Cultura Popular, Festival Folclórico.

ABSTRACT: This article is a structural reflection existing in the universe of the Parintins Folk Festival - an artistic duel of two cloth oxen -, inside and outside the arena (Bumbódromo). Information that is often invisible to the fan. I bring here an excerpt from my dissertation defended in 2018 at the Federal University of Uberlândia of the Postgraduate Program in Performing Arts with the title: Theatricality at the Parintins Folk Festival. All data written here refer to the year 2017.

KEYWORDS: Boi-Bumbá de Parintins, Popular Culture, Folkloric Festival.

Introdução: A Organização

Nos anos 80 os Bois-Bumbás de Parintins se organizaram profissionalmente, com o objetivo de conseguir conquistar mais recurso com a criação das Associações Folclóricas Boi-Bumbá Caprichoso e Boi-Bumbá Garantido. Constituíram diretorias, eleitas pelos sócios de cada entidade, nas quais o presidente e seu vice possuem uma gestão de três anos e nomeiam cargos para as devidas atribuições durante este período. Afirma Lemos:

Existem diferenças entre os bois na forma de organizar e nomear as funções. A diretoria do boi Garantido é organizada em cargos predominantemente administrativos um modelo utilizado em associações de um modo geral. Além dos cargos de presidência, existem as diretorias (administrativa, financeira,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

patrimônio, jurídica, etc.), o conselho fiscal, a comissão de arte e a assessoria de imprensa.

A organização da diretoria do boi Caprichoso, de forma diferente, conjuga funções administrativas com aquelas direcionadas à organização e supervisão de atividades fins. Assim, além das funções administrativas, a diretoria do boi possui cargos de supervisão para curral, marujada, galera, vaqueirada, efeitos e outros (LEMOS, 2005, p. 69-70).

Cada Bumbá possui um curral, onde acontecem os eventos e os ensaios dos Bois. Estes currais já foram palcos de grandes eventos, como as gravações dos seus respectivos CDs (Compact Disc) e DVDs (Digital Video Disc). Além destes há também os galpões, lugares que escondem os mistérios das alegorias, nos quais apenas pessoas autorizadas podem adentrar.

Existem ainda vários espaços que são conhecidos na cidade como QG (Quartel General), espécies de atelier, oficina, estúdio, enfim, onde são confeccionadas as fantasias, os adereços, os cocares, entre outras vestimentas usadas pelos brincantes nas apresentações. Estes lugares também possuem um acesso complexo. Os artistas são muito cautelosos com seus trabalhos e por isso dificultam qualquer tipo de visita, principalmente quando estão em processo de criação.

O Boi Caprichoso possui suas instalações administrativas separadas do curral e do seu galpão. Na rua Silva Meireles, centro da cidade de Parintins, essas instalações contemplam setores como: presidência, secretaria geral, diretoria financeira e outros.

Já o setor administrativo do Boi Garantido fica na frente do seu curral ao lado do galpão, dentro do complexo físico conhecida como Cidade Garantido, fundo para o Rio Amazonas, situada na estrada Odovaldo Novo.

Regulamento

O Festival folclórico de Parintins é intensamente competitivo, possui um Regulamento específico para cada edição. Nele estão todas as informações necessárias para o julgamento do espetáculo, a escolha dos jurados e outros dados pertinentes para a realização do evento.

Em 2017, a crise econômica chegou aos barracões dos Bois-Bumbás. Sem o apoio do Governo do Estado para iniciar os trabalhos artísticos, a Prefeitura Municipal de



Parintins decide abraçar o evento e reúne as duas Associações Folclóricas para formular um novo Regulamento.

O Regulamento de 2017 determina toda a estrutura à qual as Associações dos Bois devem se pautar durante o Festival. Além de preservar o folclore, valorizar a diversidade e estimular o uso sustentável da biodiversidade, tem a grande responsabilidade de reger a disputa entre os Bois (regulamento 2017).

É neste Regulamento que estão os direitos e proibições das ações que serão desenvolvidas nas três noites, como: a obrigatoriedade dos personagens Pai Francisco e Catirina, que não contam pontos, porém são obrigados a fazerem parte da dramaturgia de cada Boi-Bumbá; o tempo mínimo e máximo de apresentação; a obrigação dos Bois a apresentarem seus 21 itens por noite; o silêncio da torcida do boi contrário e toda a dinâmica de julgamento do que se está sendo apresentado como também a apuração dos resultados fazem parte desse Regulamento, e qualquer descumprimento imposto por esse documento, implicará em perdas de pontos.

Uma das mudanças mais expressivas que houve neste Regulamento foi o método de escolha dos jurados. O Art. 6º do Capítulo IV que compete o processo de escolha dos jurados cria um banco de dados dos jurados que já participaram do julgamento dos Festivais Folclóricos de Parintins em outras edições. Confirma a Secretária de Cultura, Turismo e Meio Ambiente do município de Parintins, Karla Viana¹, em uma conversa com este pesquisador:

Estamos trabalhando em um banco de dados, porém, esse ano foram selecionados apenas os jurados que já participaram do Festival em outros anos, de 1995 a 2002. Fizemos um estudo de nivelamento de notas e selecionamos alguns estudiosos e profissionais nas áreas afins para compor esse banco de dados.

Entramos em contato com esses jurados, sobrou um universo de 40 pessoas. Fizemos uma investigação de disponibilidade de retornar, sem falar que eles poderiam ser jurados. Escolhemos 10 pessoas e mostramos para os bois, os mesmos fizeram suas contrapropostas e refizemos a lista, mesmo assim faltaram três pessoas para compor o quadro de jurados, pedimos dois jurados da LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) e um da Universidade do Paraná (VIANA, 2017).

¹ Secretária de Cultura, Turismo e Meio Ambiente do Município de Parintins. Entrevista realizada no ano de 2017.



Viana também relata que a mudança de escolha dos jurados já era uma ideia do atual prefeito para acabar com a desconfiança e a corrupção na escolha dos jurados.

Outra mudança no Regulamento do Festival de 2017 exige as duas Associações a realizar uma apresentação aos jurados, referente ao espetáculo que será encenado. Em entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2017, com o diretor do Conselho de Arte do Boi Caprichoso em Parintins e professor do Curso de Artes Plásticas da Universidade Federal do Amazonas Ericky Nakanome, afirma que:

Cada boi faz uma defesa do tema que vai ser apresentado na arena. Um dia antes da primeira noite do espetáculo acontece essa explanação sobre o festival, explicando, teorizando e discutindo com os jurados, através desse seminário, os jurados não entram mais cegos, eles já possuem uma ideia do que pode acontecer na arena. Penso eu que fazemos um festival para academia (NAKANOME, 2017).

Este formato de seminário proporciona a estes jurados uma aproximação com a cultura parintinense, possibilitando uma dinâmica do que vai ser apresentado nas três noites, revelando elementos únicos desta festa, para que os mesmos possam agregar pontos cruciais para os seus julgamentos. Desta forma, sustentando o pensamento do artista Nakanome, Wilson Nogueira explana:

Conhecimento empírico e conhecimento científico entrecruzam-se na realização de um fenômeno sociocultural que se sustenta nas possibilidades das técnicas, da fé, do afeto e da paixão. Não seria exagero afirmar que os bois-bumbás, por meio dos seus espetáculos, defendem teses perante uma banca de especialistas (NOGUEIRA, 2013, p. 28).

Com isso, conseqüentemente, salienta a capacidade profissional dos artistas dos Bois-Bumbás. Assim, creio que ambos os bois, no decorrer dos últimos três anos, vêm trabalhando suas encenações com mais propriedade e dinâmica na composição das suas cenas na arena do Bumbódromo.

O Bumbódromo

O Bumbódromo, a Catedral Nossa Senhora do Carmo e o cemitério da cidade formam juntos uma linha imaginária, considerada um espaço neutro, que divide a cidade entre as cores vermelha e azul.

Construído no ano de 1988, na gestão do governador Amazonino Mendes, o



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Bumbódromo, além de receber no último final de semana do mês de junho o Festival Folclórico de Parintins, abriga também, durante o ano inteiro, o Liceu de Artes Claudio Santoro, com atividades de música, dança, teatro, artes visuais e outras expressões artísticas.

Em formato de teatro de arena, possui uma estrutura estilizada de concreto com o desenho que revela a cabeça de um boi. Atualmente comporta mais de quarenta mil pessoas em suas arquibancadas e camarotes.

Dentro do Bumbódromo, tanto do lado azul quanto do lado vermelho, as divisões espaciais são iguais. Possui arquibancadas gratuitas, ocupadas pelos torcedores que chegam mais cedo ao Bumbódromo e as arquibancadas que são vendidas por uma empresa terceirizada, divididas em: arquibancada central, arquibancada especial, cadeira tipo 1 e cadeira tipo 2. Todos esses lugares tem um valor diferenciado e alto para a realidade dos nativos e, de forma perceptível, a grande maioria que ocupa esses lugares são visitantes.

Ainda no Bumbódromo, além das arquibancadas delimitadas pelo vermelho e azul, existem algumas áreas neutras como: a Tribuna de Honra, as cabines dos jurados e os luxuosos camarotes, ocupados pelos convidados dos patrocinadores.

Dentro da arena, em suas laterais, foram construídas estruturas em aço com objetivo de facilitar a manipulação das iluminações e de projeções que porventura o boi possa utilizar.

Os brincantes locais

Sentado, observando. Do banco de uma praça, a tardezinha, em Parintins, vejo dezenas de pessoas passeando pelas ruas, antigos senhores com olhares mirando o horizonte, crianças rindo e chorando; ouço latidos de cães e ao me concentrar consigo ouvir a conversas das senhoras que estão em trio, nada demais. Não arrisco a dizer que é igual a outras cidades do Amazonas o qual já visitei e morei, pois Parintins cochila, mas não dorme, caminha, mas não para, respira, mas não sufoca, se enche de pavulagem com seus artistas e se orgulha das heranças nativas.

Os brincantes/locais – nomenclatura que utilizo para me referir aos moradores da



cidade de Parintins, os que se utilizam da época do festival para aumentar sua renda. São brincantes que dificilmente apreciam a semana festiva dos bois.

Esses brincantes se dividem em dois grupos: os que se apropriam da festa para trabalhar, seja formal ou informalmente – que chamarei de brincante/local-1 (BL-1) – e os que participam da festa como brincantes dos bois, em sua grande maioria, adolescentes – chamados aqui de brincante/local-2 (BL-2) – que não são profissionais, mas se dedicam a fazer parte de um grupo artísticos. Existem alguns grupos dançantes que ganham expressividade próximo ao festival. E é a esses grupos que os adolescentes procuram para neles se integrem.

Socorro Batalha (2015), pesquisadora em Antropologia da Dança, faz uma reflexão pertinente acerca dos BL-2: eles se dispõem a fazer parte de um conjunto que terá como responsabilidade, a execução de coreografias para as toadas que serão lançadas, a gravação do DVD e a interpretação cênica na arena, seja no chão (coreografias tribais) ou nas alegorias. Têm, portanto, um papel importantíssimo para as encenações.

Chico Cardoso contribui com a pesquisadora em relação aos BL-2, e afirma que:

Esses garotos, na sua totalidade são da comunidade, que se identificam com a brincadeira. Existe entre eles, uma coisa do *status*: para muitos, quem dança boi é artista. As meninas atraem os garotos e os garotos atraem as meninas. Tem essa coisa da sedução na dança, mas claro que com muito cuidado com muito critério para que isso não se transforme em uma coisa vulgar (CARDOSO, 2016).

Por trás das cores

Movido pela paixão da festa dos Bois-Bumbás, das suas tradições, crenças e costumes do povo parintinense, trago a poesia dos brincantes que fazem dos folguedos, Caprichoso e Garantido, o seu fascínio e orgulho. Porém, como pesquisador é importante apontar que o colorido da festa nem sempre é a brincadeira desejada, linda e “perfeita” que aparentemente se vê.

A criação dos bois aconteceu nas margens da sociedade “nobre”, nos quintais das casas dos pescadores e agricultores, com pessoas simples e devotas à sua crença



religiosa, materializando sua fé em uma brincadeira expressiva e cativa.

O professor Wilson Nogueira diz que hoje:

Não se trata mais de brincadeira junina de negros, índios e caboclos pescadores e estivadores: a classe média alta invadiu os currais e tangeu os bois-bumbás para os seus domínios. É desse modo que Garantido e Caprichoso, na sua versão espetacular, são tratados como partes do conjunto das instituições culturais do município e do Estado. Brincantes, galeras, comerciantes, industriais, membros do Judiciário, do Executivo, do Legislativo e da Igreja se envolvem social e institucionalmente com a festa dos bois-bumbás. Os ares dos bois-bumbás se espalham pelos escaninhos sociais e geográficos da cidade. (NOGUEIRA, 2013, p. 74).

Com essa invasão, à qual Nogueira se refere, criou-se uma estrutura piramidal na brincadeira e aqueles que outrora brincavam nas ruas, nos terreiros e nos quintais das casas dos parintinenses ao redor das fogueiras, se tornaram base dessa pirâmide. Esta base é composta, na sua grande maioria, por dançarinos, Marujeiros/Batuqueiros, Vaqueiros e outros brincantes, os quais não possuem incentivo financeiro, porém são movidos por um sentimento de amor ao seu boi.

Para melhor entender, relato um acontecimento dos vários que presenciei durante esses anos que frequento o Festival de Parintins como brincante/visitante: recordo-me claramente da participação de um grupo de brincantes do município de Maués – AM – Corpo Dançante de Maués (CDM) – na apresentação do Boi-Caprichoso², na qual foram responsáveis por criarem e executarem na arena uma das complexas coreografias do item Tribos Coreografadas. Eles saíam de sua cidade rumo à Parintins sem promessa de cachê, ficavam alojados em escolas, agrupados em mais de dez pessoas por sala, os banheiros ficavam sempre lotados e os momentos das refeições eram regados de confusão entre os mesmos, passando dez dias sob essas condições não aprazíveis.

Na fala de um brincante:

Antes de irmos para Parintins, fazíamos eventos para arrecadar dinheiro como feijoadas e rifas, pedíamos patrocínio para comprarmos nossa alimentação, e as vezes a prefeitura de Maués ajudava. O Boi só bancava a passagem ida e volta de barco, para comer e beber era por conta do grupo. Feliz era quem levava seu dinheirinho (informação verbal de um brincante)

² Festival de Parintins do ano de 2003.



Apesar de toda essa dificuldade, o sentimento que nutriam pelo boi não permitia que se posicionassem contra os organizadores. Mas outro fator bastante importante também os impedia de se rebelarem: tinham receio de serem impedidos de participar do espetáculo, se assim agissem. E essa participação, para os brincantes, garantia *status*; fazer parte do festival como ator é ser diferenciado, como pontuou Cardoso (2016).

O compositor Luiz Armando, em entrevista, revela uma reflexão muito pertinente sobre essa paixão do brincante na arena:

Tem uma velhinha que vem da estrada a pé, não tem o que comer, mas vem, participa muito das reuniões antes de ir para arena, para as vezes fazer o lanche da tarde que o boi oferece, e esse momento é tão valorizado por ela, que ela não quer saber se a diretoria tem ou não dinheiro, ou problema, ela está esperando o seu momento, de se apresentar, de encenar, fazer o seu papel, como por exemplo a de benzedeira. Ela não está ligando o que está acontecendo fora da arena, não quer saber se o governo não repassou a verba, ela quer estar ali, brincando (ARMANDO, 2016).

Ele também expõe com indignação que a diretoria (daquele ano pesquisado) está preocupada em coordenar artistas, diretores, auxiliares, mas não chega aos brincantes, que são a base do boi. Sem eles, a arena fica vazia. Ele conclui: “há dificuldades de bancar até a alimentação, mas mesmo assim querem estar lá, brincando, mesmo com fome, querem brincar” (ARMANDO, 2016).

Em Parintins, há brincantes que preferem os eventos mais tradicionais da cidade como o Boi de Rua do Caprichoso e a Alvorada do Boi Garantido, que atrai uma grande multidão e vários itens e setores dos Bois, entre eles a Marujada/Batucada e integrantes das torcidas organizadas. Geralmente esses eventos começam no bairro que abrigam os Bois, percorrendo em cortejo as principais ruas dos seus bairros até a catedral.

São nesses momentos que os folguedos celebram a tradição. Pude testemunhar esses eventos, e sentir o calor dos parintinenses. Em frente às casas, as famílias esperam ansiosas a passagem do seu boi, que é recebido com extrema alegria e carinho. Esse é o boi-folguedo (NOGUEIRA, 2013).

Já nas três noites no bumbódromo, os Bois-Bumbás se tornam boi-espetáculo para torcedores, apreciadores e turistas: “Garantido e o Caprichoso estão nos currais, nas ruas e no teatro de arena: nesses palcos se expressam tanto pela brincadeira quanto pelo espetáculo profissional” (NOGUEIRA, 2013, p. 98).

Outra questão bastante discutível é que a grandeza do evento faz a cidade passar por construções, reformas e colocação de enfeites estratégicos, nos lugares onde a



maioria dos visitantes transitam: o centro da cidade, a Igreja Nossa Senhora do Carmo, o Curral do Boi Caprichoso e a Cidade Garantido (curral), o Porto de Parintins, o Aeroporto e o perímetro do bumbódromo, locais expressivos que o visitante vê e registra, lugares prontos para o mercado de entretenimento oferecido pelo festival.

Ao contrário, nos bairros mais afastados do evento nota-se um grande descaso do poder público. O festival não reverbera nesses bairros; a infraestrutura, como rede de esgoto, iluminação, asfalto, programas sociais (tanto pelos Bois quanto pela prefeitura) não chega. A ausência da segurança pública dá espaço para o tráfico de drogas e prostituição de menores. Outros casos como invasão de terras, traz o desmatamento em demasia, poluindo nascentes e acabando com biomas antes intactos da região.

O mercado cultural é estruturado para o período que acontece o festival, atende à demanda enquanto dá lucro, ou seja, tem a finalidade de adequar à exigência do consumidor, tornando o festival um produto de consumo de massa da Indústria Cultural. Após o evento tudo volta ao que era antes. Até a potência da usina elétrica é baixada, pois os geradores que são utilizados na festa, alugados, são retirados no fim das apresentações. Contribui Barbosa:

Essa prática tem a ver com a omissão de apoio dos órgãos competentes a todas as classes, uma prova de que a estrutura montada e o investimento no Festival Folclórico têm objetivo certo e esse objetivo não contempla a comunidade como um todo, pelo menos como deveria, por isso as pessoas se dividem em várias atividades buscando seu sustento, quando não estão nos QGs, preparando a festa para o mundo ver, estão disputando uma oportunidade para comercializar seus produtos e apetrechos por ocasião do evento festivo (BARBOSA, 2014, p. 47).

Portanto, ser brincante participativo ainda é “trabalhar por amor ao boi”. Luiz Armando pontua claramente isso em suas palavras:

Todos esses brincantes que gastam o seu tempo, a sua energia e concentração para poder realizar a cênica, é tudo por amor ao boi, tudo isso é desvalorizado, esse setor todo de brincante, como a Vaqueirada, todos são desvalorizados e isso vai continuar por muito tempo.

Porém, o festival nunca acabará, o que move tudo isso são as pessoas, os brincantes. Mesmo se não houver diretoria, e ficar só as pessoas, o boi vai continuar dançando, mesmo o Tripa saindo, alguém vai para debaixo do boi, e vai brincar na rua (ARMANDO, 2016).

Diante dessa ressalva, arrisco dizer que o festival está na paixão de cada brincante. Mesmo que a espetacularização dos bois seja a arte em formato para o show midiático e



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

que grande parte da arrecadação feita na época do festival não seja aplicada em melhorias para a cidade e, mais ainda, que a maior parte dos brincantes que atuam na arena não tenha nenhuma renumeração e muitas vezes, nenhum apoio, o que me impressiona é a dedicação que cada um tem pelo seu Boi, contribuindo diretamente no fazer poético artístico do Festival Folclórico de Parintins.

Torcidas organizadas

Cada Boi possui a sua torcida organizada. No Festival, são cruciais nas arquibancadas, são elas as responsáveis pelas coreografias, ajudam nas confecções de adereços e determinam quando e como serão usados no dia dos espetáculos. Os brincantes que compõem as torcidas são tão importantes na apresentação em Parintins quanto na divulgação do seu Boi em outra cidade, exemplo é na capital Manaus, onde as ações dessas torcidas são mais expressivas, talvez, por isso que nos eventos, as entradas são cativas para eles nos shows dos Bois.

O Boi Caprichoso possui duas torcidas bastante expressivas, a FAB (Força Azul e Branca) e a Raça Azul. Ambas são responsáveis na confecção de materiais que serão usados nas arquibancadas. O Boi Garantido tem a sua torcida oficial, Comando Garantido, com os mesmos propósitos das demais torcidas do boi azul.

É importante frisar que na cidade de Manaus, onde se concentra a maior parte do público do Festival, existem dois movimentos que foram importantíssimos para difusão do Festival Folclórico de Parintins. Criados a partir da iniciativa de amigos apaixonados pelos seus bois e que residem na capital de Manaus, o MM (Movimento Marujada) e a MAG (Movimento Amigos do Garantido) criaram eventos que até hoje são refúgios para muitos brincantes que querem ouvir e dançar Boi-Bumbá. Em Manaus o MM cria o Bar do Boi Caprichoso, e a MAG cria o curral do Boi Garantido.

Esses grupos seguem o calendário oficial das atividades dos bois, contribuem na divulgação e na preparação dos Marujeiros e Batuqueiros – percussionistas dos bois – brincantes que ensaiam na capital e se juntam aos 200 outros ritmistas parintinenses e moradores “da terra do folclore” (CAPRICHOSO, 2016) nos dias das apresentações, somando 400 ritmistas na arena.

A história do Movimento Marujada (MM) começou no feriado de 1º de maio de 1988, quando um grupo de jovens parintinenses residentes em Manaus reuniu-se para



celebrar o amor por sua terra natal, e apoiar a divulgação do Festival Folclórico de Parintins e as apresentações do Boi Caprichoso no festival daquele ano. Começaram, então, a embalar esses sentimentos caprichados que Afrânio Gonçalves demonstra, com grande orgulho, em um texto escrito para o Movimento Marujada, que o mesmo chama de “Guardiões da Cultura”. Partilho seu texto com a ideia de dialogar com a própria cultura do Boi-Bumbá, antes enraizada apenas no município de Parintins e sem interesse dos governos e das mídias, que Gonçalves³ reflete:

Nesse ambiente marcado por preconceitos e discriminação, especialmente em relação a manifestações folclóricas do interior do Amazonas, sempre rotuladas como brega, acompanhei passo a passo a toada do boi-bumbá parintinense penetrar nos meios de comunicação em Manaus, por obra do Movimento Marujada, a custo de muito suor, incompreensões e toda sorte de obstáculos. Saber que participei do movimento que revolucionou a vida cultural da cidade e tornou popular em Manaus o boi-bumbá de Parintins deixa-me deveras orgulhoso (GONÇALVEZ, 2016).

O brincante também afirma com pesar, que nesse tempo nenhum dos dois Bois tinha menor interesse por tal divulgação em outras cidades. Por isso, nasce o MM com o objetivo de ouvir as toadas do Boi-Bumbá e lembrar, através das fotografias, os festivais passados.

Assim, o Movimento sente a necessidade de dar um codinome para as suas reuniões, que eram movidas por muitas lembranças, músicas e bebidas. A partir de um cardume de alegrias e satisfações proporcionado pelo azul da paixão (expressão usada pelos torcedores do Boi Caprichoso), surge o Bar do Boi Caprichoso, que até hoje reúne, agora de uma maneira mais capitalista, adeptos dos Bois-Bumbás – pois em Manaus, diferente do que acontece em Parintins, o trânsito entre o vermelho e azul são aceitáveis, com o respeito do contrário, nas festas e ensaios proporcionados pelas duas associações.

No início, sempre aos sábados à tarde, após algumas tentativas em vários outros locais, conseguiram fixar-se no bar do Carlinhos, no Conjunto Ica-Maceió. O Movimento passou a ganhar amigos e colaboradores manauaras e parintinenses, e a partir daí não parou mais de crescer. Alegria, dedicação, mobilização popular e sucesso,

³ Um dos criadores do Movimento Marujada.



que são até hoje suas características, contagiaram a capital do estado.

Sobre esse fato Gonçalves coloca:

A poesia da toada e o ritmo contagiante eram irresistíveis e cada vez mais ganhava-se adeptos. Reunir madames, colunistas sociais e grandes empresários em uma festa até então tida por acanhada, mambembe era para os membros do MM a apoteose, um acontecimento. E, de fato, assim o era pela dificuldade em se quebrar paradigmas da cultura que identificavam as classes sociais mais altas de Manaus. Filhos de famílias abastadas que se incorporaram ao MM, ajudaram nesse processo de socialização do boi-bumbá, mas porque também perceberam a seriedade e a riqueza cultural da proposta (GONÇALVES, 2016).

Desse modo, a fim de poder receber maior número de brincantes e oferecer local de estacionamento para veículos, o Bar do Boi transferiu-se para o Grêmio Recreativo dos Servidores do Ministério da Agricultura, na Rua Recife, onde permaneceu por dois anos, e depois em 1991 foi para a TvLândia – um centro de eventos e shows da cidade, na Av. Djalma Batista (hoje, Shopping Manaus Plaza Mall), e foi aí que pôde realmente expandir-se, com a construção de palco, sala vip e camarotes, aumentando o número de bares e de voluntários para atender o público.

Mas novamente o local tornou-se acanhado para o evento, além de causar grande transtorno ao tráfego de veículos naquela avenida, e assim em 1998 o Bar do Boi foi para o Sambódromo, onde existe mais espaço, melhores acomodações, amplo estacionamento para veículos, e por exigência do próprio público, teve que mudar o horário de funcionamento, que antes começava às 18 horas indo até meia-noite, e agora iniciando às 21 horas do sábado indo até a madrugada do domingo.

Mas nos últimos 10 anos, o brincar de Boi realizado em Manaus, já não tem tanta força, ganha energia apenas meses antes do festival em Parintins. Devido a oscilação do público, foram adaptando-se a lugares menores como o Arena Vip do Tropical Hotel, na Quadra da Escola de Samba de Aparecida, no Atlético Rio Negro Clube, na Casa dos Bumbás na Cidade Nova e este último ano na sede do Clube da Assinpa no Conjunto Morada do Sol, no Aleixo (GONÇALVES, 2016).

A parceria com a cidade conquistou o manauara, contribuiu para a divulgação do festival com entretenimento de qualidade, e, principalmente, formou iniciativas que ajudaram na preservação e no fortalecimento da identidade cultural do povo amazonense.

Assim, ao trabalho do Movimento Marujada vem sendo somada a paixão e



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

determinação da Marujada de Guerra (os percussionistas), da Força Azul e Branco (FAB) (torcida organizada), do Corpo de Dança Caprichoso (CDC) – antigo Grupo de Dança Movimento (GDM), da extinta torcida Força Bravura e Independência (FBI) agora da Raça Azul, a Torcida Oficial do Caprichoso, todos num trabalho de verdadeiro puxirum em prol da divulgação do festival folclórico parintinense.

Os personagens: os 21 itens do Boi de Parintins

Cada Boi-Bumbá traz para a arena cerca de 1.500 brincantes por apresentação. É apresentado ao público um tema por noite, o qual deve deixar claro, no decorrer da sua apresentação, a coerência cênica do tema anunciado. As estratégias de como será desenvolvido é por conta de cada Associação Folclórica. Todas as evoluções que acontecem na noite são únicas, nenhuma peça de figurino, alegoria ou coreografias são repetidas nas demais noites do Festival e se forem. Na minha concepção de brincante, a vaidade que existe entre os Bois não permitiria tais ações, até porque seria um assunto que o Boi contrário usaria para depreciar o outro. Rivalidade é a mola se sustentação da festa.

Além desse quantitativo, somam-se os brincantes que estão na parte técnica do espetáculo: os contrarregras, técnicos de luz, som e computadores, responsáveis por sustentar o imaginário que se cria na arena, dando um suporte indispensável para o sucesso dos 21 itens (que irei descrever abaixo). Como exemplo, citam-se os itens que compõem as alegorias do Ritual Indígena, da Figura Típica Regional, da Lenda Amazônica, que entram e saem da arena por meio da força motriz de grupos que chegam a ter 120 homens.

Dentro do universo dos Bois-Bumbás, os brincantes que assumem personagens no espetáculo encenado na arena do Bumbódromo são divididos em 21 itens. Eles são agrupados em três blocos, para uma melhor análise dos especialistas na hora do julgamento.

BLOCO "A" - COMUM / MUSICAL Podem exercer a função de julgadores: Músico, Compositor, Maestro, Musicólogo, Folclorista e Comunicólogo (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras). Itens que



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

compõem o Bloco A: 01 – Apresentador, 02 - Levantador de Toadas, 03 - Batucada ou Marujada, 06 - Amo do Boi, 19 – Galera, 11 - Toada (letra e música), 21 - Organização do Conjunto Folclórico.

BLOCO "B" - CÊNICO / COREOGRÁFICO Podem exercer as funções de julgadores: Teatrólogos, Coreógrafos, Folcloristas e Figurinistas (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras). Itens que compõem o Bloco B: 05 - Porta-Estandarte, 07 - Sinhazinha da Fazenda, 08 - Rainha do Folclore, 09 - Cunha-Poranga, 12 – Pajé, 10 - Boi-Bumbá (evolução), 20 – Coreografia.

BLOCO "C" – ARTÍSTICO Podem exercer as funções de julgadores: Artistas Plásticos, Etnólogos, Cenógrafos, Antropólogos, Folcloristas, Designer's e Arquitetos (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras) Itens que compõem o Bloco C: 04 - Ritual Indígena, 13 - Tribos Indígenas, 14 – Tuxauas, 15 - Figura Típica Regional, 16 – Alegoria, 17 - Lenda Amazônica, 18 – Vaqueirada (Regulamento, 2017).

Esses itens, como já citado, devem constar nas apresentações das três noites. Cada apresentação traz um tema, onde o desenvolvimento cênico envolve todos esses brincantes. Conforme o Regulamento de 2017, apresento abaixo os 21 itens em sequência, embora a ordem de entrada na arena fique a critério da estratégia de cada Boi-Bumbá.

Item 01 – Apresentador – é o narrador do espetáculo, conduz a dramaturgia encenada na arena, mestre-de-cerimônia, anima a galera e apresenta para os espectadores as figuras que compõem o imaginário do caboclo. Responsável por elucidar os mistérios trazidos pelas lendas e rituais. Anuncia a entrada de cada item e prepara os jurados para os itens da competição. É ele quem dialoga com a galera, convidando-a para brincar.

Item 02 – Levantador de Toada – além das novas toadas que serão apresentadas no decorrer das três noites, o Levantador de Toadas, tem que cantar outras toadas que fizeram sucesso em edições anteriores. Normalmente, as toadas repetidas na arena são as de galera.

Item 03 – Marujada ou Batucada – no universo do Boi-Bumbá são nomes dados aos ritmistas, os que sustentam o espetáculo com os instrumentos de percussões. Marujada do Caprichoso e Batucada do Garantido.

Item 04 – Ritual Indígena – fundamentado através de pesquisas, o ritual



indígena é o ponto culminante da apresentação, um dos momentos esperados pelos brincantes nas arquibancadas. O Ritual Indígena recria um universo místico do indígena, revela de forma teatral e coreográfica a criatividade e a originalidade do espetáculo na arena.

Item 05 – Porta-Estandarte – o estandarte do Boi-Bumbá é um símbolo que identifica o folguedo e suas cores. É a bandeira da expressão aguerrida do povo (torcedor), sempre marcando o tema da noite. Conduzido pela bela jovem com indumentárias indígenas, que ergue o atributo do seu boi com dignidade e orgulho, transpira em sua dança a leveza, simpatia e sincronismo no seu bailado.

Item 06 – Amo do Boi – o Amo do Boi no Festival de Parintins lembra os repentistas do Nordeste. É o famoso fazendeiro, dono do Boi-Bumbá, símbolo da festa. Participa de toda a apresentação do lado do Levantador de Toadas e o Apresentador. É um versador, tem habilidades em fazer versos para saudar o seu boi, a natureza, os itens que estão se apresentando e tira versos para desafiar o boi contrário.

O verso do Amo do Boi Garantido, citado abaixo, faz alusão a um fato que ocorreu com o Amo do Boi Caprichoso, o mesmo tirou uma foto de animais silvestres como fonte de alimento, sem autorização. Caso de polícia e multa ao artista que interpreta o Amo.

Contrário escuta contrário, ouve o que eu vou te falar Não adianta
corre e nem me telefonar

Dizendo pra eu pegar leve, que você quer combinar Vê se te manca
contrário que a peia vai começar Contrário escuta contrário, preste
bastante atenção Tu vais falar da Amazônia clamar por preservação Mas o
teu Amo é o primeiro no rol da destruição Pergunto pro boi contrário, tua
consciência não dói? Em ter um Amo gabola que a floresta corroe

Um predador desalmado que a natureza destrói

(GARANTIDO, 2017b)

Já o verso do Amo do Boi Caprichoso é referente ao item 04, Ritual Indígena de Escarificação, um ritual de passagem do índio guerreiro para ser Pajé. A alegoria desse ritual trouxe um ser sobrenatural com várias cabeças de dragões, por isso a comparação com um famoso desenho transmitido pela TV aberta.



Ainda agora o boi contrário, disse que trouxe uma lenda Um bicho de várias cabeças e disse que era uma lenda Essa tal lenda do boi contrário, na Amazônia não tem não Isso era o Tiamat da Caverna do Dragão

Coitado do boi contrário, não tem mais imaginação Tá copiando desenho antigo da televisão

Vamos te dá uma aula

Te mostrar o que é criação! (CAPRICHOSO, 2017b)

Item 07 – Sinhazinha da Fazenda – filha do Amo do Boi, sempre graciosa e bela, tem um grande carinho pelo seu boi, com o qual interage e a quem alimenta em plena arena. A Sinhazinha revela seu sentimentalismo quando o Pai Francisco tira a língua do boi, em prantos ela se derrama ao seu lado. A alegria volta quando o boi revive. O bailado é característica desse item.

Item 08 – Rainha do Folclore – marcada pela beleza e pujança, a bela morena carrega a responsabilidade de representar as lendas e os mistérios amazônicos. Suas indumentárias revelam o encanto da fauna e da flora. Esse item chama a atenção para a cultura Amazônica, a miscigenação encenada na arena pelos bois. Sua dança vem com força e brilho, sem perder a sutileza no olhar.

Item 09 - Cunhã-Poranga - “o arco para ser guerreira/ índia guerreira/ a flecha pra dançar aos ventos/ as penas para adornar o corpo nu/ da semente da samaumeira/ toda leveza, nativa beleza/ selvagem cunha” (CAPRICHOSO, 1999).

Representa a força da mulher indígena, está diretamente incorporada no místico das lendas Amazônicas, simboliza a guardiã e protetora da sua tribo e da floresta.

Item 10 – Boi-Bumbá (Evolução) – o touro majestoso, dono do lugar, brinquedo de São João. Um boi feito de pano, fibra e esponja e muita imaginação. Símbolo da maior festa folclórica do Amazonas. Manipulado pelo seu tripa – brincante que fica debaixo do boi – evolui na arena com o seu bailado e gingado. Está sempre interagindo com todos que se encontram na arena, arquibancada, camarotes e até mesmo com os jurados.

Item 11 – Toada (Letra E Música) – o Boi Caprichoso diz que a toada é “um canto de amor ao folclore brasileiro às nossas raízes mestiças” (CAPRICHOSO, 2017b). Para o Boi Garantido é “a trilha litero-musical que dá suporte ao espetáculo do boi,



contextualizando os segmentos artísticos que compõem esses espetáculos” (GARANTIDO, 2017b). As toadas criam expectativas nos brincantes antes do festival: como será que vem esse ritual? Essa lenda vai vir arrebetando! Agora essa letra, tem tudo para ser a cara do torcedor!

A poesia regional, toada, já é identidade do Boi de Parintins. Suas letras extremamente populares mergulham nas diversas culturas brasileiras, exemplificada na toada no início desta pesquisa “Amazônia nas cores do Brasil”.

Item 12 – Pajé – o ícone vital no momento cênico tribal. O poderoso Xamã, o curador de todos os males da tribo. A apresentação do Pajé é o ápice da festa, o mestre da iniciação dos rituais é responsável por guiar a tribo e defendê-la das entidades maléficas, materia- lizada nas grandiosas alegorias e nas complexas coreografias tribais.

Item 13 – Tribos Indígenas - “contingente humano que recria e representa etnias indígenas na teatralização e coreografias dos espetáculos dos bois” (GARANTIDO, 2017b). Fazem parte do universo mítico apresentado na arena, com coreografias diferentes do tradicional dois-para-lá e dois-para-cá. Usam uma rica plumaria em suas indumentárias e carregam em seus corpos pinturas que simbolizam a identidade de etnias contemporâneas e até mesmo extinta.

Item 14 – Tuxaua – o chefe da tribo, responsável pela harmonia do seu povo. No Festival de Parintins vem sempre com indumentárias que mais parecem pequenas alegorias, que podem chegar até 80 quilos. O brincante que carrega esse item deve evoluir com ele, caminhar pela arena no ritmo da toada e revelar a riqueza que está carregando. Cada Tuxaua simbolicamente representa uma etnia indígena e vem sempre dialogando com o tema da noite.

Item 15 – Figura Típica Regional – é a forma mais expressiva que os bois tiveram para homenagear e mostrar a cultura do caboclo, a resistência da tradição e os costumes de um povo simples e rico no fazer artístico. Para o Boi Garantido a “Figura Típica Regional retrata os biótipos da região moldados através da miscigenação processada ao longo da formação social e cultural da Amazônia” (GARANTIDO, 2017b). Já para o Boi Caprichoso é “a cara do homem da Amazônia [...] fruto do imaginário caboclo, dividido na fronteira da realidade ou do sonho, dos mitos e lendas contados nos beiradão do Amazonas” (CAPRICHOSO, 2017b).



Item 16 – Alegorias – gigantescas estruturas que fazem, no espetáculo, a imaginação dos espectadores flutuar. Com ferro, isopor, cabos de aço e muita criatividade, o artista parintinense cria as alegorias que ajudam na ambientação do espetáculo. Os brincantes mais envolvidos com o Boi-Bumbá conseguem distinguir a criação de cada artista, percebendo que há naquela alegoria a mão do seu criador, a ousadia e o seu processo criativo.

Item 17 – Lenda Amazônica – a imaginação do ribeirinho e do indígena se transfiguram nesse item na arena. O item 17 Lenda Amazônica revive os seres fantásticos da floresta anualmente no festival. “Cada povo conta uma história diferente sobre um bicho encantado, seja da floresta, das águas ou do ar. No Festival de Parintins, esses seres do imaginário ganham formas” (CAPRICHOSO, 2017b).

Item 18 – Vaqueirada – guardiões do Boi-Bumbá, estão sempre prontos para defender o seu boi. Em coreografias geométricas, brincam e dançam na arena. A Vaqueirada é composta por 40 brincantes “montados” em seus cavalinhos e com lanças nas mãos; carregam o símbolo do boi.

A Vaqueirada é um corpo de 35 a 40 Vaqueiros que representam os Guardiões do Boi. Com lanças coloridas, a Vaqueirada evolui ocupando a arena com evoluções coreográficas, amparando os demais itens que compõem a Celebração Folclórica, com Catirina, Pai Francisco, Gazumbá (ou Cazumbá), Sinhazinha da Fazenda e Amo do Boi. A Vaqueirada faz a sua evolução com indumentárias e lanças ricamente decoradas, de acordo com o contexto de cada noite (GARANTIDO, 2017b).

Item 19 – Galera – é a energia humana que impulsiona com as suas enérgicas coreografias nas arquibancadas, o Boi-Bumbá na arena. Por duas horas e meia, não pode deixar de inter- agir com a cena que está acontecendo. Esse item reflete a paixão e a força do Festival de Parintins, pois desde o começo do dia os brincantes já se encontram nas filas para, à noite, participar do teatro popular na arena.

Item 20 – Coreografia – todo espetáculo é pautado em coreografia presente nos itens individuais e coletivos. A cada ano fascina os olhos dos espectadores que já esperam ansiosos pela novidade. Os detalhes da dramaticidade expressadas nos corpos dos brincantes demonstram a riqueza criada pelos coreógrafos, misturando dança, teatro e artes visuais nos movimentos que sempre dialogam com a essência da Amazônia.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Item 21 – Organização do Conjunto Folclórico – funciona como no carnaval com a harmonia, responsável pelo sincronismo na avenida. No Boi-Bumbá, a Organização do Conjunto Folclórico é responsável pela limpeza e coerência da dinâmica da apresentação na arena. Uma responsabilidade que é exercida muito antes da encenação representada nos três dias de Festival.

As toadas

Música tradicional entoada pelos levantadores de toadas dos Bois-Bumbás de Parintins, acompanhada por instrumentos como: tambores indígenas, matracas e surdos. Ao longo do tempo, incorporaram o charango andino e os instrumentos eletrônicos, como o teclado, guitarras e outros.

Em forma de narrativas, as toadas sustentam a dramaturgia em cena, conduzem a apresentação e trazem em sua poesia as histórias que são defendidas pelos Bois-Bumbás. A cada noite de espetáculo é apresentado um conjunto de toadas que irão compor e acompanhar a cena que está sendo desenvolvida. Uma toada por noite concorre na competição ao item 11 – toada letra e música –, no total, três toadas são escolhidas para disputar o Festival. Algumas toadas caem no gosto dos torcedores, geralmente são as de Galera – músicas mais animadas e mais cantadas – e durante a apresentação na arena são repetidas várias vezes.

A passagem técnica na arena

A passagem técnica é o momento que os Bois-Bumbás possuem para testar os equipamentos de som, iluminação e projeção, organizar os músicos e seus instrumentos, marcar as posições dos brincantes que irão compor as mais complexas coreografias, delimitar o espaço que será ocupado pelas imensas alegorias e também é o momento para aproveitar e instigar a galera do contrário.

Uma hora é o tempo destinado para cada Boi-Bumbá fazer a sua passagem, de acordo com o Regulamento. O Boi que for sorteado a se apresentar primeiro na competição será o segundo na passagem técnica. Por exemplo, no ano de 2017, o Boi-



Garantido fez a abertura do 52º Festival Folclórico de Parintins e foi o segundo a utilizar a arena para fazer sua passagem e assim se segue nas outras duas noites de apresentação.

Esse momento é de últimos ajustes. As arquibancadas já estão todas lotadas. Nesse instante, os brincantes aproveitam para ofender e insultar uns aos outros. Este é o momento de extravasar, de apontar o dedo nos “defeitos” do contrário, tudo isso em meio à afinação do espetáculo, sem a preocupação de sofrer penalidades, uma vez que o Regulamento é válido apenas a partir do início da apresentação na arena.

Porém, é interessante explicar que o que é apresentado nessa passagem técnica e nos ensaios técnicos que acontece nos currais não é o que se vai ver na arena nas três noites. Sobre esse assunto dos ensaios técnicos, Batalha aponta que:

Nos ensaios técnicos, há uma simulação da apresentação em caráter coletivo cuja intenção é testar os espaços de alinhamento para que os participantes saibam até aonde podem avançar e marcar seus devidos lugares. No ato da exibição, cada participante deve assumir a responsabilidade de executar a sua função, ou seja, acompanhar a toada e demonstrar a sua habilidade de dançarino no ritmo do boi-bumbá (BATALHA. 2015, p. 127).

Tal simulação apontada pela autora refere-se aos mistérios que os bois fazem durante o processo de criação para as apresentações, pois o ineditismo pode ser ponto culminante no festival. Por isso, nesses ensaios são realizados apenas marcações e reconhecimento do espaço.

Conclusão

Espero que este artigo lhe proporcione, leitor, curiosidades para conhecer nossa festa, seus sabores e cores, abraços e sorrisos e muita rivalidade. Venha, sabendo que sairá daqui com brilho nos olhos e a dúvida cravada em pensamentos da escolha do seu boi para ser torcedor no próximo ano. Pois aqui, o acionamento da teatralidade não é algo que se pode mudar de um lugar para outro, cada festa, evento, representação, manifestação, show, enfim, atuará de maneira diferenciada na Ilha de Parintins. As festas de Bois existente no Amazonas podem até parecer “iguais”, com todas as regras, itens e outras características que o Festival Folclórico de Parintins possui, mas suas teatralidades serão muito diferentes desse chão (BENTES, 2018).

Referências



AMARAL, Rita de Cassia de Melo Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que não é sério**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1998.

BATALHA, Socorro de Souza. **“Gingando e balançando em sincronia”**: uma antropologia da dança do boi-bumbá de Parintins – AM. 149 f. Dissertação – Universidade Federal do Amazonas, 2015.

BARBOSA, Raimundo Oliveira. **A indústria cultural: sua influência no festival folclórico de Parintins/am**. Trabalho Monográfico – Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Campus de Parintins/AM, 2014.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte. Coedição com a Editora Universidade do Estado do Amazonas, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 1 Ed. São Paulo. Brasiliense, 1982.

BOI BUMBÁ CAPRICHOSSO. **A Poética do Imaginário Caboclo**. Manaus - Parintins-AM, 2017.

BOI BUMBÁ GARANTIDO. **Magia e Fascínio no coração da Amazônia**. Manaus – Parintins-AM, 2017.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Festa na floresta: o boi-bumbá de Parintins**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ CNPQ/ SESC, 2000.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9 ed. Revista atualizada e ilustrada. São Paulo: Global, 2000.

CASCUDO, L. C. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



UFAM

Autor

Fabiano Baraúna Bentes- Mestre em Artes Cênicas, da Universidade Federal de Uberlândia-MG e Doutorando do Programa de Pós-Graduação Arte da Cena da Unicamp-SP.

E-mail:fabianobarauna@gmail.com